

---

## Arquivística literária *hæc subtilis ars inveniendi*

ANTÓNIO BRAZ DE OLIVEIRA

Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro

**U**M velho amigo meu, também bibliófilo e arquivista nas horas vagas, costumava dizer-me, em tom algo sibilino, que o que foi, afinal, um inferno para o escritor, é o nosso purgatório e o paraíso dos críticos. E, entre outras invectivas que lançava contra os novíssimos praticantes da textofagia, fantasiava: «Se eu fosse poeta, e os deuses me houvessem segredado a celebridade, em cada livro mandava inscrever esta «epígrafe» (leia-se advertência): *Esgotei a Vida num só Verso*. Os últimos anos, passá-los-ia a recortar os originais, linha por linha, baralhando tudo numa arca. Que eu também havia de ter uma arca!»

Não sou capaz de tanta angústia, porque não sou poeta, nem tenho da arquivística literária tão dantesca visão como a do meu perverso discípulo. Mas, ao fim de um bom

par de anos de ofício, continuo avesso a tê-la por ciência, feixe compacto de conhecimentos rigorosos, universalmente aceites e suportados por uma rigorosa metodologia. Será, porventura, uma técnica, algo complexa e flutuante, ainda que razoavelmente criteriosa. É, decerto, uma *arte subtil*, simultaneamente envolvente e comovente, para que é necessária uma razoável dose de bom senso e bom gosto e uma quase inesgotável paciência.

Estou longe de sugerir, aqui, uma «ultrapassagem» da ciência pela arte, ou que o destino da abundante literatura técnica disponível deva ser o caixote do lixo dos insucessos profissionais. Nada disso. E para que não restem quaisquer dúvidas, descansa o leitor que não passará sem a bibliografia final pertinente. Nem daqui se conclua que bibliotecas e arquivos

são, no fim de contas, labirintos de papel inútil povoados por estranhos amanuenses de letras mortas, facilmente «disponibilizáveis» sem outros custos sociais... Quem não sabe, não ouve ou lê e quem não ouve ou lê, não sabe. Veremos.

### Os Melhores Princípios: conhecer e ordenar

Houve um tempo em que muito se discutiu sobre a fronteira entre documentos de arquivo e documentos de biblioteca, ou, como se diz na gíria da especialidade, «espécies» de arquivo e «espécies» de biblioteca. A controvérsia parece-me hoje ociosa e não se confunde com a de saber quais são os princípios que devem presidir ao tratamento do que chamamos arbitrariamente arquivos literários, espólios, colecções particulares ou equivalente. Se tais papéis (cfr. Fr. *papiers*, Ing. *personal papers*, Al. *Nachlässe*) formam um *acervo documental complexo, constituindo uma unidade orgânica, decorrente da actividade literária* (e/ou, por extensão, de intervenção cívica e cultural) *de determinada pessoa e composta pela respectiva obra manuscrita ou equiparada* (i.e. incluindo autógrafos, dactiloscritos, tiposcritos, etc.) *e pelos conjuntos de documentos que a essa pessoa foram enviados ou por ela recolhidos* (cartas, documentos biográficos, colecções, etc.), temos já um ponto de partida bastante para servir-nos de orien-

tação. Tal ponto de partida coloca acertadamente, na esteira de Karl Dachs (1982), o acento na *complexidade* (o *Gesamtkomplex*), *unidade* (o *Autorenprinzip*, princípio da autoria) e *organicidade* (o *Provenienzprinzip*, princípio da proveniência) do conjunto, integradas de acordo com os princípios da *pertinência* (o *Pertinenzprinzip*) e da *ordenação alfabética e/ou cronológica interna* (*Prinzipien der alphabetischen oder chronologischen Ordnung*), onde quer que o dito acervo hoje se guarde, pertença ele a quem pertencer (arquivo ou biblioteca).

*Arquivo literário: acervo documental complexo, constituindo uma unidade orgânica, decorrente da actividade literária (e/ou, por extensão, de intervenção cívica e cultural) de determinada pessoa e composta pela respectiva obra manuscrita ou equiparada (i.e. incluindo autógrafos, dactiloscritos, tiposcritos, etc.) e pelos conjuntos de documentos que a essa pessoa foram enviados ou por ela recolhidos (cartas, documentos biográficos, colecções, etc.).*

Mas tais princípios (que procuram «sublimar» as melhores lições das duas técnicas tradicionais, a arquivística e a biblioteconómica) não são mais que isso mesmo: linhas gerais de orientação que, sendo observadas,

prometem algum êxito ao trabalho realizado. Não nos dizem, nem podiam dizer-nos, o que cada espólio contém ou como se formou; qual é a sua *textura* e qual foi o seu *percurso*. Se assim é, a arquivística literária apresenta-se como uma arte «híbrida» que procura descobrir a génese e textura literárias de uma ou mais obras através dos despojos do seu Autor, no quadro do percurso biográfico próprio, socorrendo-se ora de técnicas arquivísticas, ora de técnicas biblioteconómicas conforme se trate de reconhecer o todo ou cada uma das partes.

**A proverbial desordem dos papéis do escritor, em geral mau bibliotecário e pior arquivista de si-mesmo, é a pedra que falta na calçada do nosso trajecto quotidiano. Em 90 por cento dos casos, o espólio/arquivo que temos de inventariar não está completo e não apresenta qualquer ordem reconhecível ou respeitável.**

Mostra a experiência que os «despojos» podem chegar até nós com três faces distintas: a do espólio ou arquivo completo, tal como ficou por morte do Autor; a de parte ou fracção desse espólio, que pode ou não completar-se (conforme se saiba que a fracção omissa existe e é recuperável, ou não); a de colecção recolhida por terceiro(s), ao longo de um pe-

ríodo de tempo maior ou menor e ao sabor das circunstâncias da sua própria arte de coleccionar. Consoante a face, assim o retrato (leia-se o «quadro» a inventariar). No primeiro caso, de corpo inteiro; no segundo, de meio-corpo; no terceiro «travestido». Em todos eles, porém, necessariamente desfocado pelas vicissitudes do tempo e lugar onde permaneceu até chegar às nossas mãos.

A proverbial desordem dos papéis do escritor, em geral mau bibliotecário e pior arquivista de si-mesmo, é a pedra que falta na calçada do nosso trajecto quotidiano. Em 90 por cento dos casos, o espólio/arquivo que temos de inventariar não está completo e não apresenta qualquer ordem reconhecível ou respeitável. Que fazer então? Aceitá-lo como nos chegou, registando escrupulosamente a desordem existente (*i.e.* simulando uma ordem na desordem), ou restituí-lo ao tempo e ao modo de escrita próprios do Autor? Só a segunda via pode ter algum sentido útil, por mais sinuosa que pareça. E se assim é, haveremos primeiro de nos entender sobre *quem* falamos, depois sobre o *que*, o *como* e o *quando*. O princípio da autoria torna-se, então, o princípio estruturante fundamental. O complexo universo de letras que temos sobre a mesa passa a ser, do ponto de vista arquivístico, um universo fechado em torno de um determinado ser singular definitivamente ausente (o *quem*). Muito ou pouco, o que nos chegou



foi, por outro lado, o *que* (e quanto) se achava aparelhado a esse ser singular até ao momento derradeiro. Tem uma proveniência determinada que não cabe iludir. O *princípio da proveniência* permite, pois, reintegrar o que foi deslocado em momento posterior, não o que o Autor havia destinado a viver fora do seu universo.

Na sua subtil textura, o espólio/arquivo pode, ou não, espelhar o percurso da criação autoral, conforme os papéis tenham, ou não, permanecido junto do autor de acordo com a *génese textual* da respectiva obra. Sempre que é possível reconhecer essa estrutura interna, a ordenação deve respeitar a pertinência (o *como* e *quando*) de cada espécie ao conjunto textual de que faz parte, e não separar arbitrariamente o texto final de uma obra dos

anexos que a acompanham e constituem o respectivo *dossier* preparatório. O *princípio da pertinência* é, pois, subsidiário ou instrumental dos princípios da autoria e proveniência na organização do todo, mas principal e estruturante para a ordenação e descrição de cada *item*. Subsidiários são, também, os princípios da ordenação alfabética ou cronológica dos vários *items*, sendo aplicáveis consoante os dados disponíveis para cada caso e a natureza das «séries» a ordenar e inventariar (Manuscritos do Autor, Cartas, Documentos Anexos, Coleções, etc.).

Se a desordem for completa — porque o Autor abandonou ao acaso textos e pré-textos, éditos ou inéditos, e ninguém, *por direcção sua*, o fez — torna-se imprescindível, no estrito interesse da pesquisa histórica, ecdó-



tica e crítica que o acervo pode proporcionar, ordenar e classificar o conjunto, segundo um quadro pré-estabelecido que o aproxime, o mais fielmente possível, da textura e percurso originais. Só então o inventário do espólio se prestará a retratar o Autor e a Obra com pés e cabeça, a mostrar o retrato de corpo inteiro de que falei. É desse quadro classificativo e retrato decorrente que a seguir se trata, aproveitando as melhores lições (Dachs, 1982; Irblich, 1982; Volke, s.d., 1986).

Na sua subtil textura, o espólio/arquivo pode, ou não, espelhar o percurso da criação autoral, conforme os papéis tenham, ou não, permanecido junto do autor de acordo com a *gênese textual* da respectiva obra. Sempre que é possível reconhecer essa estrutura interna, a ordenação deve respeitar a pertinência (o *como* e *quando*) de cada espécie ao conjunto textual de que faz parte, e não separar arbitrariamente o texto final de uma obra dos anexos que a acompanham e constituem o respectivo *dossier* preparatório.

#### Os Melhores Instrumentos: classificar e inventariar

Os melhores princípios são, repito, apenas linhas de orientação

(*Richtlinien*, Brandis, 1973), regras ou critérios gerais, que se seguem ou afastam conforme se prestam, ou não, ao bom reconhecimento e utilização da «coisa». Os quadros de classificação e registo que se oferecem em anexo podem, pois, ajustar-se melhor ou pior à textura e percurso do espólio a ordenar e descrever. A experiência dirá.

Em bom rigor, um espólio ou arquivo literário (o termo *colecção* presta-se a equívoco) não possui «classes» ou «séries» no sentido próprio que o termo adquiriu na arquivística tradicional (sequência de documentos da mesma natureza, ou relativos à mesma matéria, que constituem uma linha de organização interna do arquivo), isto é, não se constituiu segundo fins ou objectivos fundacionais ou institucionais pré-determinados. O espólio é a vida do escritor vazada em letras, desenhadas ao sabor das circunstâncias e insusceptíveis de se encontrar inscritas no registo de nascimento. Daí a sua singular individualidade (cada espólio é simultaneamente um microcosmos e um microcaos...), a subtilidade da sua textura, a peculiaridade do respectivo percurso. As «séries» que podem formar-se (como o quadro anexo sugere) são reconstruções (a maior parte das vezes por criteriosa simulação) do percurso genético das obras, da con-vivência epistolar, da sedimentação biográfica (e bibliográfica), das «afinidades electivas» e tudo o mais de que a

condição humana é espelho e reflexo. Vejamos como.

**O espólio é a vida do escritor vazada em letras, desenhadas ao sabor das circunstâncias e insusceptíveis de se encontrar inscritas no registo de nascimento. Daí a sua singular individualidade (cada espólio é simultaneamente um microcosmos e um microcaos...), a subtilidade da sua textura, a peculiaridade do respectivo percurso.**

#### *Manuscritos do Autor*

A primeira série a considerar (e de longe a mais importante) é a dos *Manuscritos do Autor*, independentemente da *forma* que apresentam: *autógrafos* (sobretudo depois de entrada a segunda metade do século XIX, sendo, antes disso, frequentes as cópias manuscritas por terceiros), *dactiloscritos* (escritos à máquina, depois de 1876 e, em geral, só a partir do início do século XX, ou processados, do final dos anos 70 em diante) ou *tiposcritos* (provas enviadas pela tipografia para correcção do Autor ou exemplares de edições posteriormente revistas). A classificação será feita de acordo com o *género literário* a que os conjuntos textuais (redacções e «dossiers») pertencem (*Poesia*, *Prosa*, *Teatro*, etc.) e, dentro de cada

género, (subsérie do inventário) por ordem alfabética de título (próprio ou atribuído) ou *incipit*. A ordem cronológica só se justificará se for reconhecível algum rasto de semelhante ordenação na própria obra do Autor (nomeadamente, quando este deu sequência material-cronológica às várias partes dentro da *Obra Completa*). Se para cada título, ou obra, forem encontradas várias redacções, devem estas ser sub-ordenadas segundo a respectiva génese ou cronologia próprias. Os conjuntos reconstituídos pelo arquivista serão numerados e ordenados sequencialmente, ressaltando-se sempre que o título é atribuído (p. ex.: [Poesia I], [Poesia II], etc.). A subsérie *Prosa* pode ainda ser subdividida tematicamente de acordo com os géneros ou áreas de intervenção que for possível reconhecer (Romance, Conto, Ensaio, etc. ou Textos pedagógicos, Textos críticos, Textos políticos, etc.). As subséries *Adaptações*, *Traduções* e *Edições* referem-se sempre a manuscritos de adaptações, traduções e edições literárias de obras de terceiros realizadas pelo Autor (já que é de mss. deste que se trata) e não a originais daqueles (a classificar em *Manuscritos de Terceiros*). Na subsérie *Vária* (de que convirá não «abusar»), são classificados todos os mss. esparsos que não correspondem a uma «obra» do Autor, preparação ou parte dela (a classificar como anexos ou «dossiers» preparatórios desta), mas apenas a textos efémeros ou in-

conclusivos (p. ex.: agendas, livros de notas ou apontamentos, planos de obras nunca realizadas, cursos e conferências, versos soltos, fichas bibliográficas, etc.). Dentro da série, devem ser, quanto possível, agrupados sistematicamente pelo assunto principal.

A classificação será feita de acordo com o gênero literário a que os conjuntos textuais pertencem e, dentro de cada gênero, por ordem alfabética de título (próprio ou atribuído) ou *incipit*. A ordem cronológica só se justificará se for reconhecível algum rasto de semelhante ordenação na própria obra do Autor. Se para cada título, ou obra, forem encontradas várias redações, devem estas ser subordenadas segundo a respectiva gênese ou cronologia próprias.

#### Cartas

As cartas recebidas por um escritor podem chegar-nos com uma de três ordens aparentes: a cronológica, ou seja, segundo a «estratigrafia» formada ao longo dos anos de vida do Autor; a dos nomes dos remetentes (autores das cartas), entre si alfabéticos ou não; a de assuntos, acontecimentos ou obras, a que se refe-

rem. No primeiro caso, tal «ordem» (mais aparente que real, insisto) representa a adoção de um princípio arquivista formal, semelhante ao que preside à constituição de certos arquivos institucionais: as cartas, independentemente dos autores ou assuntos tratados, sedimentam-se por mero decurso do tempo. No segundo, cada Autor-remetente é considerado pelo valor dele mesmo e do conjunto epistolar a que deu origem, sub-ordenando-se as cartas por ordem cronológica. No terceiro, são considerados apenas os grandes projectos ou «eventos» da biografia literária do Autor cujo espólio se considera, revelando, não raras vezes «lapsos» e «subtilezas» que não é hoje possível corrigir ou reconhecer.

Salvo, uma vez mais, o caso extremo de encontrarmos um espólio integralmente organizado pelo próprio Autor segundo qualquer um dos três critérios, a nossa opção deverá ser a da ordenação alfabética dos autores das cartas e respectiva sub-ordenação cronológica. Não devem ser separados os anexos que não possam ser compreendidos fora do contexto da carta a que respeitam e deles deve sempre fazer-se menção expressa em nota. Nas séries subsequentes (cfr. quadro anexo, IV, V e VI) far-se-á a remissão pertinente.

A troca de cartas pode, também, formar um conjunto emparelhado, quando subsiste (no rigoroso sentido do termo) uma *Co-respondência*. Então, cada carta recebida é guardada

junto ao rascunho da respectiva resposta, ou cada rascunho junto da resposta que teve (conforme de quem partiu a iniciativa), mostrando o *diálogo* travado, e deve como tal classificar-se. Raros são, todavia, os casos que a estratigrafia documental permite ainda reconhecer com exactidão a sequência carta/rascunho/carta para todo o conjunto epistolar. A maior parte das vezes, os (poucos) rascunhos ou cópias sobreviventes, e as (ainda menos) cartas não enviadas ou devolvidas (neste último caso em flagrante contradição com o princípio da proveniência), só podem ser individualmente ordenados, dando origem às duas sub-séries possíveis: *Cartas do Autor* (rascunhos, cópias e cartas não enviadas ou devolvidas) e *Cartas ao Autor*, a ordenar alfabeticamente por destinatários ou autores, conforme os casos.

**Salvo, uma vez mais, o caso extremo de encontrarmos um espólio integralmente organizado pelo próprio Autor segundo qualquer um dos três critérios, a nossa opção deverá ser a da ordenação alfabética dos autores das cartas e respectiva sub-ordenação cronológica. Não devem ser separados os anexos que não possam ser compreendidos fora do contexto da carta a que respeitam e deles deve sempre fazer-se menção expressa em nota.**

### *Documentos Anexos*

Cenário textual da vida do Autor, o espólio conserva, além dos manuscritos de obras e da correspondência, um vasto leque de papéis de natureza muito variada que foram pouso sobre a mesa (aliás, um pouco por todos os cantos da casa...) consoante sopraram, ao longo dos anos, os ventos da história individual e colectiva. Documentos biográficos, contratos, recortes de críticas, folhetos, prospectos e convites, fotografias, etc., compõem, as mais das vezes, essa mole estranha do que chamamos, à falta de melhor, *Documentos Anexos*. O interesse que estes podem ter para a compreensão da Vida e Obra do Autor vai desde a insignificância à «chave» que desvela, por fim, um quebra-cabeças no percurso literário ou um enigma biográfico.

Sempre estaremos em presença — note-se — de documentos (manuscritos, dactiloscritos ou impressos) que não foram produzidos pelo Autor, ainda que possam conter, aqui e acolá, uma nota ou «glosa» sua. Todos os autógrafos, ainda que esparsos, ficaram já «arrumados» na primeira e segunda séries (*Manuscritos do Autor* e *Cartas*). A classificação deverá procurar agrupar tais documentos em sub-séries consoante o respectivo assunto (documentos biográficos, documentos familiares, documentos profissionais, recensões críticas, etc.)

e/ou a natureza formal dos conjuntos (certidões, recortes, fotografias, etc.), seguindo-se, depois, um critério alfabético ou cronológico de sub-ordenação e registo. No «arranjo» desta série — mais que em qualquer outra — ter-se-á sempre presente, também, que o trabalho do arquivista não se confunde com o do biógrafo ou o do crítico genético, tornando-se indispensável garantir a maior economia de tempo e meios gastos para levar a cabo a classificação e inventariação.

**A classificação deverá procurar agrupar tais documentos em sub-séries consoante o respectivo assunto e/ou a natureza formal dos conjuntos seguindo-se, depois, um critério alfabético ou cronológico de sub-ordenação e registo.**

#### *Colecções*

(Manuscritos de Terceiros,  
Cartas de Terceiros,  
Documentos Anexos de Terceiros)

Todo o Autor é, simultaneamente, um coleccionador. Coleccionador «conjunto» (*maxime* no caso da correspondência, através da qual adquire uma parte do espólio de letras alheias, que «troca» com as letras próprias), ou coleccionador singular (p. ex., de documentos anexos: biográficos, críticos, etc.), ele reúne à

volta do seu próprio universo de letras, com maior ou menor arte, um conjunto de documentos (mss., dacts., tips., etc.) que não são do seu próprio punho ou lavra intelectual. E pode fazê-lo por empatia, gosto, curiosidade, dever de ofício ou simples casualidade. Tais documentos, que lhe chegaram às mãos por oferta, troca, depósito ou compra, constituem o que chamamos genericamente *Colecções* (*Sammlungen*, cfr. Dachs, Irblich e Brandis, *cit.*; Kussmaul, 1986).

Salvo o caso de uma «colecção» existir no espólio do Autor por virtude de ter sido ele o herdeiro (testamentário ou «espiritual») de todo o conjunto, ou editor privilegiado de outro Autor cujo espólio conservou — casos em que deve ponderar-se a ordenação e classificação autónomas deste último, ressaltando a respectiva proveniência — os papéis podem pertencer a qualquer um dos tipos que serviram para classificar o espólio principal (Manuscritos do Autor, Cartas e Documentos Anexos), devendo, pois, abrir-se cada uma das séries correspondentes. Os *Manuscritos de Terceiros* serão aí ordenados alfabeticamente por autores e sub-ordenados pelo título; as *Cartas de Terceiros* (a Terceiros) por autores e, depois, por destinatários (sempre alfabeticamente); os *Documentos Anexos de Terceiros* conforme as exigências do conjunto, seguindo-se o critério apontado para os documentos do mesmo tipo classi-

ficados na série Documentos Anexos do Autor.

### Inconclusão

Não me resta espaço para outras batalhas. E algumas são importantes: inventariação *versus* catalogação; indexação; catálogo colectivo de manuscritos literários; tratamento e exploração das livrarias de escritores; virtualidades (aventuras e desventuras) dos programas informáticos e bases de dados, ARQBASE e PORBASE; Museus e Arquivos de Literatura, etc., etc., etc. Junto, pois, apenas duas ou três linhas inconclusivas.

Uma vez realizadas com êxito a ordenação e classificação de um espólio ou arquivo literário, mantendo-se ou não a topografia original, torna-se possível realizar o respectivo inventário sem maiores dificuldades. No *Quadro de Registo* em anexo dou algumas sugestões. Convém nunca esquecer, repito, que o trabalho do arquivista não substitui o do biógrafo, editor literário ou crítico genético, ainda que procure não lhes criar mais problemas do que os que já têm. Nada obsta, por outro lado, que — uma vez assegurada a classificação e inventariação de um espólio — esta ou aquela «peça» seja catalogada, para fins diversos daqueles que aqui foram considerados,

com toda a exuberância de notas possíveis, tal como pode, afinal, servir de base a uma tese de doutoramento *Cum Laude*.

### Bibliografia pertinente

BRANDIS, Tilo

1973 *Richtlinien Handschriftenkatalogisierung*. Deutsche Forschungsgemeinschaft, Bonn-Bad Godesberg. 4., erweiterte Auflage, 1985.

DACHS, Karl

1982 «Erschliessung von Nachlässen unter Verwendung bibliothekarischer und archivarischer Methoden», *Bibliotheksforum Bayern*, K.G. München, 10 (1) 1982, p. 3-24.

IRBLICH, Eva

1982 «Aspekte zur Bearbeitung der Nachlässen aus der Sicht des Handschriftensammlung der Österreichischen Nationalbibliothek», *Codices manuscripti: Zeitschrift für Handschriftenkunde*, Wien, 8 (1) 1982, p. 1-11.

KUSSMAUL, Ingrid

1986 *Die Nachlässe und Sammlungen der Deutschen Literaturarchivs Marbach am Neckar: ein Verzeichnis*. Marbach am Neckar, Deutsche Schillergesellschaft, 2., durchgesehene Auflage.

VOLKE, Verner

s.d. *Ordnung von Handschriften* (interne Arbeitsweisung). Marbach am Neckar, Deutsches Literaturarchiv, (zwei Lesarten).

1986 «Zur Ordnung, Bearbeitung und Benutzung der Archivbestände», *Die Nachlässe...* (cit. Kussmaul, I., 1986), p. XV-XXIV.

## ADVERTÊNCIA SÉRIA

*Ordenar e inventariar o espólio de um escritor contemporâneo (com intervenção em qualquer dos domínios tradicionais da cultura) é uma tarefa mais ou menos árdua (íngrata por vezes), em que nem sempre é fácil encontrar o justo equilíbrio entre o esforço dispendido e a utilidade real do produto final...*

*E como cada espólio ou arquivo é um universo diferente do nosso e do alheio, qualquer tentativa de definir princípios gerais tropeça, aqui no excesso, ali no defeito. Não deixa, por isso, de ter sentido, se não quisermos abandonar à pior sorte os testemunhos que cada um contém, entre louros e sarças, únicos por natureza.*

*A primeira tarefa consistirá em ordenar o acervo de modo a, respeitando a vontade conhecida ou reconhecível do Autor, fornecer dele a quem investiga um «retrato de corpo inteiro», ainda que, aqui e ali, desfocado pela visão própria do organizador e as vicissitudes por que passou.*

*O Quadro de Classificação sugere um critério, possível entre outros, de ordenação, em que os documentos são distribuídos por seis séries maiores (I a VI), subdivididas, por sua vez, em diversas subséries menores (I, 1, 2, 3, etc.). Procura-se, aí, partir do mais significativa para o menos significativa; do que é fonte ou origem do espólio para o que lhe é acidental ou acessório: a Obra do Autor. Assim se privilegiam os seus manuscritos, seguidos das cartas e, finalmente, dos documentos que se juntaram em torno da sua existência e intervenção cultural. Nos casos em que o Autor conservou algum ou alguns documentos de terceiros, abrir-se-ão as séries IV a VI.*

*A segunda tarefa implica registar em inventário, segundo a ordem encontrada, o conjunto de informações disponíveis e pertinentes para cada item de cada subsérie e série. Os princípios contidos no Quadro de Registo orientam o inventariador na tarefa de descrever os manuscritos e documentos de outra natureza que ordenou. Pretende-se, aí, reduzir ao mínimo o esforço necessário para, no mais curto espaço de tempo útil, fornecer o máximo de informação.*

*Será sempre vantajoso consultar outros exemplos de inventários já realizados e fazer uso criterioso do conjunto de abreviaturas correntemente utilizado nestes procedimentos:*

A.: .....	Autor	p & b: .....	preto e branco
ant.: .....	anterior a	1.º v.: .....	primeiro verso
aut.(s): .....	autógrafo(s)	pseud.: .....	pseudónimo
ca.: .....	cerca de	s.d.: .....	sem data
color.: .....	colorido(a)	s.l.: .....	sem local
dact.(s): .....	dactiloscrito(s)	s. tit.: .....	sem título
doc.(s): .....	documento(s)	tb.: .....	também
ed.: .....	edição	tbr.: .....	timbre
em.: .....	emenda	tip.(s): .....	tiposcrito(s)
f.: .....	folha	tit.: .....	título
fot.: .....	fotografia; fotocópia	trad.: .....	tradução; traduzido
imp.: .....	impresso	v.: .....	ver
inc.: .....	incipit	v. tb.: .....	ver também
ms.(s): .....	manuscrito(s)	v.l.: .....	vários locais
mst.: .....	misto		

## QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO

## I. MANUSCRITOS DO AUTOR

1. Poesia
2. Prosa
3. Teatro
4. Composições musicais
5. Desenhos
6. Adaptações
7. Traduções
8. Edições
9. Vária

## II. CARTAS

1. Cartas *do* Autor
2. Cartas *ao* Autor
3. Correspondência(s)

## III. DOCUMENTOS ANEXOS DO AUTOR

1. Documentos biográficos
  2. Recortes de imprensa
  3. Fotografias
  4. Vária
- [...]

## IV. MANUSCRITOS DE TERCEIROS

1. Poesia
  2. Prosa
  3. Teatro
- [...] (V. série I)

## V. CARTAS DE TERCEIROS

1. Cartas
2. Correspondência(s)

## VI. DOCUMENTOS ANEXOS DE TERCEIROS

1. Documentos biográficos
  2. Recortes de imprensa
  3. Fotografias
- [...] (V. série III)

## QUADRO DE REGISTO

## I. MANUSCRITOS DO AUTOR

(ordem alf. de tít.)

Título (próprio ou atribuído), *incipit* ou 1.º verso (conforme os casos), seguido ou não de complemento (próprio ou explicativo).

Data; local; colação (n.º de folhas); designação da natureza do documento (aut., dact., ms., mst., tip.)

Nota(s) (quaisquer informações relevantes, *maxime* sobre docs. juntos).

As subséries 6, 7 e 8 são ordenadas alf. pelo A. adaptado, traduzido ou editado, e, dentro deste, pelo tít. O título e complementos atribuídos vão sempre entre parêntesis rectos.

## II. CARTAS

(ordem alf. de destinatário ou autor)

Destinatário/Autor

N.º de cartas; datas limite; local(ais); natureza dos docs.

Nota(s) (conforme as exigências do conjunto)

A subsérie 1 é ordenada alf. pelo destinatário; a subsérie 2 pelo A., ambas com inversão do apelido podendo ser constituídos itens para destinatários ou autores desconhecidos.

A subsérie 3 conterà a menção *Correspondências* (entre o A. e A/Z, ordenadas alf. pelo destinatário).

## III. DOCUMENTOS ANEXOS DO AUTOR

(ordem alf. de tít., cron. ou sistemática, conforme as exigências.)

Tít. (próprio ou atribuído)

(N.º de docs.); data; local; natureza do doc.

Nota(s)

Todas as subséries devem ser inventariadas por conjunto.

## IV. MANUSCRITOS DE TERCEIROS

(ordem alf. de autor e, dentro deste, pelo tít.)

Autor

Título (próprio ou atribuído)

Data; local; colação; natureza do doc.

Nota(s)

Para as subséries 6, 7 e 8, ver I.

## V. CARTAS DE TERCEIROS

(ordem alf. de A. e, dentro desta, de destinatário)

Autor/Destinatário (com inversão do apelido)

N.º de cartas; datas limite; local(ais); natureza dos docs.

Nota(s)

Para a constituição de subséries ver II.

## VI. DOCUMENTOS ANEXOS DE TERCEIROS

(ordem alf. de tít., cron. ou sistemática, conforme as exigências do conjunto)

Tít. (próprio ou atribuído)

(N.º de docs.); data; local(ais); natureza do doc.

Nota(s)

Todas as subséries deverão ser inventariadas por conjunto.

NOTA: A pontuação utilizada para separar cada item da descrição é o ponto e vírgula [;] separando-se os vários elementos dentro deles por vírgula [,].

QUADRO DOS ESPÓLIOS E COLECÇÕES EXISTENTES  
NO ARQUIVO DA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA  
BIBLIOTECA NACIONAL

1992

## I. ESPÓLIOS LITERÁRIOS

- Esp E 1\**  
Espólio Eça de Queiroz  
*Esp E 2*  
Espólio Luiz de Magalhães  
*Esp E 3\**  
Espólio Fernando Pessoa  
*Esp E 4*  
Espólio Batalha Reis  
*Esp E 5*  
Espólio António Pedro  
*Esp E 6*  
Espólio José Marinho  
*Esp E 7*  
Espólio Raúl Proença  
*Esp E 8*  
Espólio Aleixo Ribeiro  
*Esp E 9*  
Espólio José de Bragança  
*Esp E 10*  
Espólio Alice Gomes  
*Esp E 11*  
Espólio Vitorino Nemésio  
*Esp E 12*  
Espólio António Boto\*\*  
*Esp E 13*  
Espólio Silva Carvalho  
*Esp E 14*  
Espólio Homem de Melo  
*Esp E 15*  
Espólio Casais Monteiro  
*Esp E 16*  
Espólio Gaspar Simões  
*Esp E 17*  
Espólio Ferreira de Macedo  
*Esp E 18*  
Espólio Ricardo Jorge  
*Esp E 19*  
Espólio Ramalho Ortigão  
*Esp E 20*  
Espólio Oliveira Martins

- Esp E 21*  
Espólio Rodrigo da Fonseca  
*Esp E 22*  
Espólio Mário Henrique Leiria  
*Esp E 23*  
Espólio João José Cochofel  
*Esp E 24*  
Espólio Irene Lisboa  
*Esp E 25*  
Espólio Jaime Cortesão

## II. COLECÇÕES

- Esp N 1*  
Espólio Camilo Pessanha  
*Esp N 2*  
Espólio Palma Ferreira  
*Esp N 3*  
Espólio Mário Cesariny  
*Esp N 4*  
Espólio Gomes da Costa  
*Esp N 5*  
Espólio Luis Amaro\*\*  
*Esp N 6*  
Espólio Wenceslau de Moraes  
*Esp N 7*  
Espólio Ramos Rosa  
*Esp N 8*  
Espólio Almeida Garrett  
*Esp N 9*  
Espólio Álvaro Ribeiro  
*Esp N 10\**  
Espólio Florbela Espanca  
*Esp N 11*  
Espólio João de Barros  
*Esp N 12*  
Espólio Castro Osório  
*Esp N 13*  
Espólio Bourbon e Meneses  
*Esp N 14*  
Espólio Gama Barros

- Esp N 15*  
Espólio Barbosa de Magalhães  
*Esp N 16*  
Espólio Mariano de Carvalho  
*Esp N 17*  
Espólio Mariano Pina  
*Esp N 18*  
Espólio Moreira de Almeida  
*Esp N 19*  
Espólio Álvaro Salema  
*Esp N 20*  
Espólio Vilaverde Cabral  
*Esp N 21*  
Espólio Bernardo Santareno  
*Esp N 22*  
Espólio Sampaio Bruno  
*Esp N 23*  
Espólio Camilo Castelo Branco  
*Esp N 24*  
Espólio Osório de Oliveira  
*Esp N 25*  
Espólio Pinto de Figueiredo  
*Esp N 26*  
Espólio Francisco Grandela  
*Esp N 27*  
Espólio Fidelino de Figueiredo  
*Esp N 28*  
Espólio Cabral do Nascimento  
*Esp N 29*  
Espólio Costa Lobo  
*Esp N 30*  
Espólio Inocência da Silva  
*Esp N 31*  
Espólio Brito Aranha  
*Esp N 32*  
Espólio João Félix Pereira  
*Esp N 33*  
Espólio Francine Benoît  
*Esp N 34*  
Colecção Paiva Couceiro

## III. DEPÓSITOS

- Esp D 1\**  
Espólio Mário Saa  
*Esp D 2*  
Espólio Raúl Brandão  
*Esp D 3\**  
Espólio Teixeira de Pascoaes\*\*  
*Esp D 4*  
Espólio Malheiro Dias  
*Esp D 5*  
Espólio Augusto Casimiro  
*Esp D 6*  
Espólio Ernesto de Sousa\*\*  
*Esp D 7*  
Espólio João dos Santos\*\*

## IV. ARQUIVOS POLÍTICOS

- Esp P 1*  
Arquivo Humberto Delgado\*\*  
*Esp P 2*  
Arquivo Abranches Ferrão  
*Esp P 3*  
Arquivo Pais Abranches  
*Esp P 4*  
Arquivo Maçonaria  
*Esp P 5*  
Arquivo Histórico-Social

## V. ESPÓLIOS MISTOS

- Esp R. S.*  
Espólio Ribeiro Saraiva

## VI. AUTÓGRAFOS AVULSOS

De A a Z

\* Microfilmados — A consultar na sala de Leitura de Microfilmes.

\*\* Com reserva de consulta.